

\*\*\* REDACTOR PRINCIPAL \*\*\*  
**Alexandre Vieira**  
 \*\*\*\*\* EDITOR \*\*\*\*\*  
**Joaquim Cardoso**  
 Propriedade da União Operária Nacional  
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)  
 — Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154 —  
 Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
 Lisboa — PORTUGAL  
 End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 1

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## DEIXEM-SE DISSO!

Que o Estado tente, até certo ponto, impedir a acção dos elementos avançados, não é justo e é lógico. Forçoso é admitir, sendo o Estado actual a representante dos interesses burgueses, que a revolução social se empenha a repressão. Não é esta, bem entendido. Para homens que, como nós, muito amam a liberdade, nenhuma forma de repressão é aceitável e toda a reacção da liberdade é uma tirania. O Estado, portanto, se trata da liberdade de pensar. Mas, em suma, se a acção do governo pensasse como nós — não haveria governo, e assim quereriam toda a razão de ser as tendências revolucionárias. Mas não pensa. E isso explica a violência que contra nós são exercidas constantemente. Violências infinitamente variadas, que se manifestam pela perseguição à nossa imprensa, ora se contentam na prisão dos nossos elementos mais activos, ora assumem o aspecto de caluniosa campanha para dificultar a nossa propaganda. Mas há, entre as violências exercidas pela gente do governo, algumas tão estúpidas, que não pueris, tão impróprias mesmo para alcançar os fins pelos governantes tidos em vista que, em predação delas, fica-se antes perplexo e indignado, com muito maior vontade de rir que de protestar. Um exemplo: a rigorosa censura de que há tempo a esta parte, a sido exercida sobre os telegramas de saudação ao nosso jornal. Como se sabe, a Batalha interrompeu a sua publicação durante um curto lapso de tempo, quando da recente greve geral. O momento de angústia foi esse que o operariado. Arrancam-se os telegramas, com a polícia fizesse apor, portas destas oficinas e logo a Batalha reata a interrompida publicação. Hora de regosio essa para toda a grande família trabalhadora. Dai o considerável número de telegramas de felicitação saudação de vários pontos do país nos foram enviados. Documentos simples, sinceros, extensos; duas palavras concisas asseguram-nos a solidariedade de todos, por esse país fora, tremendo e sofrendo. De saudação para saudação a fórmula só imperceptivelmente variava: «O operariado português, em associação de saudação a Batalha pelo seu parecimento, etc.» As vezes variava-se: «... e protestam contra a arbitrariedade do governo». Um, pouco mais ou menos, recebidos desta forma os telegramas que, dos vários pontos do

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### A greve geral burguesa

A propósito da fantasia de Vautel, reproduzida por um jornal de Lisboa e aqui ligeiramente glosada, escreve-nos um camarada:  
 «O cronista misturou alhos com bugalhos e fez péssima reportagem. Segundo as minhas informações, procedentes das melhores fontes, o teor do apelo é muito outro e diz entre outras coisas:  
 «Acionistas, não recebei os vossos dividendos!  
 «Senhores, não cobrei mais rendas de casas!  
 «Proprietários, capitalistas, financeiros, não aceiteis mais rendimentos nem juros!  
 «Patroes, abandonai as fábricas aos operários e aos técnicos!  
 «Comerciantes, açambarcadores, intermediários, deixai de especular, de açambarcar, de aumentar o custo do produto!  
 «Juizes, governantes, chefes, a greve!  
 «Ociosos, abandonai os desportos, as diversões, as viagens de recreio e trabalhai!  
 «Viva a greve geral burguesa!»  
 Este manifesto, ao que me consta, foi aliás acolhido com uma explosão de alegria, porque esta greve era chover no molhado, em vista do *lock-out* já declarado pelos trabalhadores contra os grevistas. Se não fosse isso, não falaria quem fuisse o movimento, sendo muito elevada a percentagem dos amarelos.  
 O erro do cronista provém do facto de confundir a função parasitária, própria da burguesia, com a função útil do técnico. E, que, nas profissões liberais, aburguesadas, privilegiadas, as duas coisas vêm-se por vezes reunidas no mesmo indivíduo.  
 Mas separam-se facilmente. O que poderá suceder a essas profissões é tornarem-se mais manuais, mais práticas, para vantagem da ciência, da técnica e da saúde física e moral, tudo ao mesmo tempo.  
 O engenheiro não perderá nada em se fazer mais operário, o arquitecto mais pedreiro, o médico mais enfermeiro, o vice-versa, o enfermeiro mais médico, o operário mais técnico e cultivado, até à fusão completa no trabalho integral, o da mente e o do músculo, numa harmonia equilibrada entre a ciência e o trabalho, para benefício de ambos e para bem do indivíduo e da sociedade.

### Com quem tratamos?

Um jornal da noite relatava ontem uma curta palestra havida entre um dos seus repórteres e o dr. Costa Júnior. Naquelle relato se atribuem a este deputado socialista opiniões que, constituindo um ultrage para os grevistas ferroviários, são ao mesmo tempo, um desmentido formal aos ideais que o dr. Costa Júnior defende. O dr. Costa Júnior teria afirmado, segundo o relato do aludido jornal da noite, que no movimento ferroviário andam imiscuídos agitadores e aterrorizadores, ou a manifestação moral, que se manifesta em dificuldades as traições. Uma emulação. E tão disparatada ela é que custa a acreditar ter o dr. Costa Júnior proferido as frases que lhe são atribuídas pelo tal jornal da noite, gazeta, de resto, já useira e vezeira em deltapar a verdade. Seja como for, é ao deputado socialista que compete explicar-se, ou desmentido o jornal da noite ou confirmando a veracidade do relato. O que o operariado precisa é de saber com quem trata.

### Telefones

Os comerciantes refinirão, num destes dias, para tratar do aumento de preços que a Companhia dos Telefones anunciou. O serviço dos telefones, em Portugal, custando já os olhos da cara aos subscritores, é, com certeza, o mais incompleto e irregular do mundo. Nos requisições um aparelho à Companhia, vai para seis meses, e escusado é dizer que de telefone nem sombras cá temos ainda. Mas nós ainda assim não somos dos mais infelizes. Não esperamos há perto dum semestre pelo aparelho que requisitámos. Mas há quem, possuindo já o telefone, tenha esperado ainda mais tempo — para obter uma ligação.

### Congresso Nacional da Indústria de Sapataria, Couros e Peles

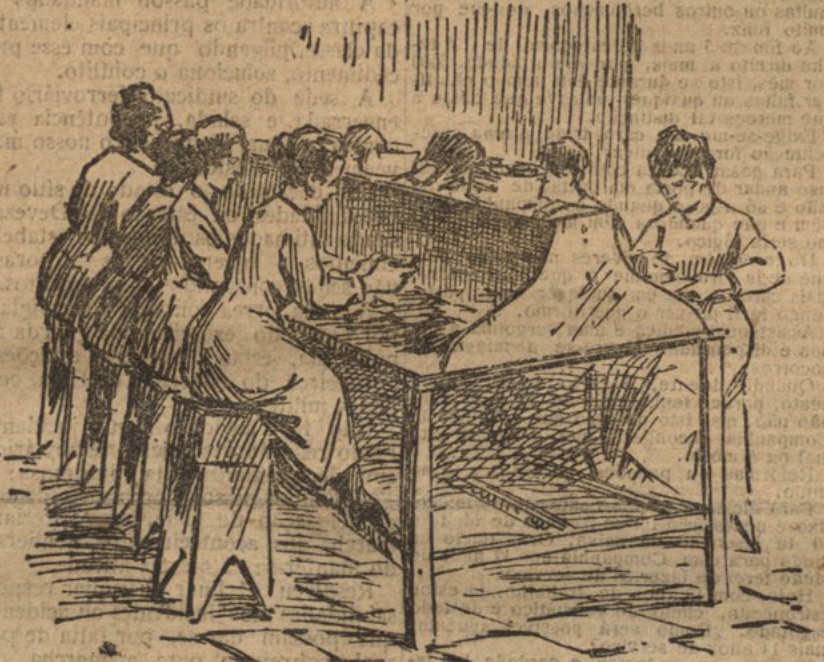
A comissão organizadora do Congresso de Sapataria, Couros e Peles, tem já prontos os trabalhos a apresentar ao referido Congresso, que se realizará em Coimbra nos dias 17 e 18 do corrente.  
 Além de outras adesões, que sabe haver, recebeu já directamente as seguintes:  
 Associação dos Sapateiros de Faro, Fabricantes de Calçado de Viana do Castelo, do Porto, de Coimbra, Sapateiros de Beja, Manufactores de Calçado de Portalegre, de Silves, de Lisboa, Curtidores de Alcanena, de Lisboa, etc.  
 A comissão organizadora continua em sessão permanente para ultimar os trabalhos, assim como para receber as restantes adesões e informar os associados da provincia sobre qualquer dúvida que se lhes apresente, relativa ao Congresso.

## OS FORÇADOS

# Industria do tabaco

### Da secagem ao empacotamento

Desço a escada de ferro, que finda quasi ao pé dos secadores: dois massivos de tijolo com portas e respiradores de formilhas, encimados por um revestimento que lhes empresta o aspecto de dois enormes baús.  
 A oficina é um casarão comprido, especie de casa-mata evocadora de lendas de presídios, a espreitarem das paredes grosseiras, da arcaria que se prolonga a meio, e da negrura de dois respeitáveis buracos, a findar lá longe, num subterrâneo, donde emergem, a custo, o carvão e uns montões emaranhados de madeira velha.  
 Próximo, os resfriadores, com os seus cilindros, as suas engrenagens, as suas ventoinhas, ocultas sob venezianas; ao lado, uma balança e lá ao fim, siblando no ar, a engenhoira fôrca do secador.  
 Envolve a casa uma claridade suja, uma semi-penumbra, como se a luz vinda de fora, atravessando a rede das janelas, esbarrasse na atmosfera, empastada e quente, que pesa sobre aquilo tudo.  
 E' ver então a labuta, desde que o tabaco, vindo de cima, entra por um algeiroz nos secadores, atravessa a oficina e vai desaparecer lá ao fim, subindo de novo, no elevador.  
 A' frente dos secadores, o tabaco vai caindo, esquentado ainda, para umas alfaias de couro, arrastado todas as emanções que a condensação da humidade interiormente produz, e como um apêndice da máquina, curvado, regulando o calor, e a queda dos alveolados, um homem suporta a baforada constante, como se os pulmões rendilhados fossem a peneira que a atenuasse.  
 A peneira ou é pequena ou já está esburacada, porque as emanções invadem a casa, adensando o ambiente que entoncece, embebeda quasi...  
 E no entanto, o trabalho não pára, a energia não desfalece, regularizando-se com o movimento incessante das máquinas.  
 Aqui, um vai-vem de alfaias à cabeça, subindo e descendo a escada dos respiradores, despejando no bocal do tabaco amornado da secagem.  
 Para lá dos respiradores, outro vai-vem, outra canseira.  
 O tabaco vai caindo para as golpelhas umas enormes alfaias de esparto — é pesado, e lá vai arrastado officina fora, abrindo canseiros no pó que encobre o lagedo, até ao elevador, o qual range furioso, como revolvido de tanto subir, de tanta carga, que vem trazendo sempre aquecidos homens silenciosos, em camisa, mangas arregaçadas, ostentando, como num desafio, a magreza hirta, convulsionada...  
 Em cima, retiram as golpelhas, e segue-se um alcatruzar de 40 quilos à cabeça, um cortejo bisonho, escoando-se pelas officinas, atravessando ranchos de rapariegas, deslizando por entre máquinas, sob um sussurro de vozes, zozada metálica e risadas secas...  
 Agora o cortejo atravessa as officinas mecânicas, ou *arrendo*, nome que distingue os velhos processos manuais, que ainda subsistem.  
 Meia dúzia de máquinas compridas, curiosíssimas, cada uma com a sua fita giratória; atraz, numa bancada, quatro mulheres, rapidamente, pesando e enchendo os rectáculos, durante a trajetória, com a quantidade de tabaco suficiente a encher um pacote.  
 E' ver o bulício da apanha das onças, o arrastar continuo dos caixotes, tudo por mulheres, apenas um homem, farto de ganga, vigiando as engrenagens, acendendo as molas, enquanto as golpelhas vão passando sempre à cabeça, monotonicamente, num deslizar de condenados...  
 Próximo, a officina de cigarros, também à máquina, com o mesmo sussurro, um tam-tam metálico e uma acenada promisscuidade, pois lá mais serrallheiros *afinando* as dezenas de máquinas.  
 Agora os homens das golpelhas saem da officina das onças, atravessam uma ponte e entram noutra officina — a da folha picada. Aquí tenho a impressão



\*...vergonhosamente, deitam tabaco nas mortaihas, que enrolam numa tremura de dedos\*...

Um cento de mulheres, todas de volta, em bancadas alinhadas, numa uniformidade de colegio, vergonhosamente, deitam tabaco nas mortaihas, que enrolam numa tremura de dedos, dando, em conjunto, a impressão de uma casa de saúde, onde o pessoal feminino, repousando, contrai a obsessão do cigarro, ficasse sempre assim, enrolando o imaginariamente, a tremer... a tremer...  
 Mas breve se desfaz esta impressão. Nada de repouso, e se obsessão existe é o pesadelo da empreitada, em que é necessário fazer 1.800 cigarros para auferir 25 centavos!  
 São a cogitar na idea do internato, achando-a exagerada, mas ao chegar ao pátio, interrogam-me:  
 — E' não estarão lá muitos a reclamar sanatório?  
 Entre no *sonho doirado* — nome da officina de cigarilhas de luxo, de cartuchos.

Estes contextos são uma manifestação da divergência existente entre a democracia e o socialismo. Qualquer que sejam as opiniões manifestadas pela municipalidade — mesmo as socialistas — estas evoluem dentro do quadro da sociedade capitalista, e favorecem a sua continuacão pelo contrario, na Bolsa do Trabalho, como as opiniões são uma preocupação sem importância, tudo concorre para desenvolver o embebro da sociedade, que há de suceder ao capitalismo. E' este antagonismo que traduzem os conflitos entre as municipalidades e as Bolsas do Trabalho; há completa discórdancia de interesses entre estes dois organismos — discórdancia, repetimos, que não provém das opiniões, visto que municipalidades de todas as cores guerrearam as Bolsas do Trabalho.



Só por necessidade, por falta de recursos, é que as organizações operárias aceitavam ou pediam os subsídios municipais; mas a experiência mostrou a quantos perigos expostas com esta especie de tutela e trabalharam para se livrar dela. Constituíram-se, primeiramente, Unões de Sindicatos, vivendo ao lado da Bolsa do Trabalho, às vezes no próprio local da municipalidade. Produz-se então uma justa posição de organismos que pode causar alguma confusão: a Bolsa do Trabalho e a União dos Sindicatos entrelaçam-se, administrados às vezes pelos mesmos indivíduos. Mas a União dos Sindicatos constitui então um organismo moralmente autónomo, podendo fazer a sua propaganda sem querer saber se isso agrada ou não à municipalidade, sendo a Bolsa do Trabalho apenas um local, ou, quando muito, um organismo inferior. Quando se estabelece esta situação, é a União dos Sindicatos que se filia na Confederação Geral do Trabalho e não a Bolsa do Trabalho.

Esta semi-independência é ainda muito precária; por isso, as Unões tendem cada vez mais emancipar-se de subsídios, instalando-se em locais próprios. Esta completa autonomia, que está prestes a realizar-se, — ainda que muito lentamente para o desejo dos mais activos militantes — contando necessite, da parte dos sindicatos, muitos esforços e grandes sacrificios, dá ao movimento sindical um impulso prodigioso e fará aumentar a confiança que os trabalhadores tem nele.  
 As Bolsas do Trabalho ou Unões locais são actualmente em numero de 135, filadas na Confederação Geral do Trabalho; agrupam 2.500 sindicatos, dos quais cerca de 1.600 fazem parte da Confederação nacional corporativa. Existem por consequência uns 900 sindicatos, que, quanto à sua filiação na Confederação, são *«bolsas»*, visto que estão ligados à Confederação por uma das duas secções confederais — a das Bolsas do Trabalho.  
 A administração destes organismos locais procede sempre em harmonia

## ORGANIZAÇÃO SINDICAL

# As Federações de Sindicatos

A filiação dos sindicatos na Confederação efectua-se, por meio duma dupla serie de organismos federativos, que agrupam dum lado os sindicatos de profissões diversas, aglomerados na mesma cidade ou região; do outro, os sindicatos da mesma profissão são as Bolsas do Trabalho ou Unões de Sindicatos; os segundos são as Federações nacionais corporativas.  
 A União dos Sindicatos da mesma cidade é de tal necessidade, que este modo de agrupamento desenvolve-se muito rapidamente, muito mais rapidamente mesmo, que as Federações corporativas. Os sindicatos depressa compreendem que, se se encontrassem isolados no seu centro, se encontrariam pouco mais ou menos na mesma situação do trabalhador, isolado do sindicato; só poderiam contar com as próprias forças e os seus sentimentos de revolta não teriam sido fidejutados pelo espirito de solidariedade.  
 O agrupamento dos sindicatos da mesma cidade, fez-se mais espontaneamente que o agrupamento federal corporativo, irradiando por toda a França. As municipalidades facilitaram-no, de resto com o pensamento reservado de fazer em politica, fornecendo locais e subsidiando estes aglomerados de sindicatos. Estas instituições novas, ficaram-se chamando *Bolsas do Trabalho*. As municipalidades esperavam que estas organizações se limitassem a uma acção corporativista muito terra a terra, e esperavam também provocar com as suas liberalidades a gratidão dos sindicatos e conseguir uma clientela eleitoral.  
 Ora a Bolsa do Trabalho é o organismo que, na sociedade futura, onde não se produzirá a exploração do homem pelo homem, substituirá a actual municipalidade. Por isso, era inevitável que se dessem conflitos entre essas duas forças, uma representando o passado, a outra o futuro.  
 Os sindicatos não se julgaram menos livres na sua acção, pelos subsídios recebidos seguíam a sua evolução, sem se preocupar com o prejuizo que a sua orientação poderia causar ao pessoal politico da municipalidade.  
 Então, movidas pelo ranco e pelo despoito, um grande numero de municipalidades começaram governando as Bolsas do Trabalho, recusando-lhes os subsídios ou só os concedendo em condições inaceitáveis. E' preciso notar que esta guerra não partia apenas das municipalidades reacconárias ou republicanas as próprias municipalidades socialistas foram das mais encarniçadas contra as Bolsas. Para citar apenas duas, aponto as de duas grandes cidades: Paris e Lyon.  
 Estes contextos são uma manifestação da divergência existente entre a democracia e o socialismo. Qualquer que sejam as opiniões manifestadas pela municipalidade — mesmo as socialistas — estas evoluem dentro do quadro da sociedade capitalista, e favorecem a sua continuacão pelo contrario, na Bolsa do Trabalho, como as opiniões são uma preocupação sem importância, tudo concorre para desenvolver o embebro da sociedade, que há de suceder ao capitalismo. E' este antagonismo que traduzem os conflitos entre as municipalidades e as Bolsas do Trabalho; há completa discórdancia de interesses entre estes dois organismos — discórdancia, repetimos, que não provém das opiniões, visto que municipalidades de todas as cores guerrearam as Bolsas do Trabalho.  
 Só por necessidade, por falta de recursos, é que as organizações operárias aceitavam ou pediam os subsídios municipais; mas a experiência mostrou a quantos perigos expostas com esta especie de tutela e trabalharam para se livrar dela. Constituíram-se, primeiramente, Unões de Sindicatos, vivendo ao lado da Bolsa do Trabalho, às vezes no próprio local da municipalidade. Produz-se então uma justa posição de organismos que pode causar alguma confusão: a Bolsa do Trabalho e a União dos Sindicatos entrelaçam-se, administrados às vezes pelos mesmos indivíduos. Mas a União dos Sindicatos constitui então um organismo moralmente autónomo, podendo fazer a sua propaganda sem querer saber se isso agrada ou não à municipalidade, sendo a Bolsa do Trabalho apenas um local, ou, quando muito, um organismo inferior. Quando se estabelece esta situação, é a União dos Sindicatos que se filia na Confederação Geral do Trabalho e não a Bolsa do Trabalho.

As Federações corporativas são constituídas por sindicatos da mesma industria ou de profissões similares. Durante muito tempo, discutiu-se muito, no seio da Confederação, a questão do agrupamento federal por officio ou por industria. Desde o congresso de Amiens, (outubro de 1906) continuam as Federações de officio que já existiam, mas a Confederação já não admite senão as Federações de industria.  
 As Federações corporativas irradiam por todo o país e embora a sua acção se exerça noutro plano que a das Bolsas do Trabalho, não é de menor importância. Estes dois organismos completam-se e, pela sua junção na Confederação, elevam o agrupamento operário ao mais alto grau de coerência e efficacia. Se o aglomerado sindical se limitasse aos organismos locais que são as Bolsas do Trabalho, a vida operária ficaria encerrada no horizonte regional; por seu lado as Federações corporativas não poderiam estender a sua acção para fora dos seus naturais limites, se existissem isoladas. As duas formas de agrupamento completam-se, dando a máxima intensidade à solidariedade operária.  
 As Federações corporativas, servindo de traço de uniao entre os sindicatos espalhados pelo território, dão-lhes uma utilidade de tendências e preparam a unidade de acção para a luta. Fazem sobressair as diferenças de condições de trabalho e dificultam a baixa dos salários a que visa a exploração capitalista, instalando-se em regiões onde espera encontrar assalariados ignorantes e báratos. Nessas batalhas sociais, que são as greves, a sua intervenção é eficaz, porque além de poderem paralisar a vida da povoação onde há um conflito, podem apoiar os trabalhadores em luta, condensando em seu favor o esforço solidário de toda a corporação. E' claro que entregue a si próprio, não podendo dispor senão dos seus magros recursos, um sindicato isolado teria um poder de acção muito reduzido. O agrupamento federativo aumenta esse poder, multiplica-o.  
 As Federações corporativas não são, sob o ponto de vista organico, dum tipo uniforme. A dominante é sempre o federalismo, tendo como base a autonomia do sindicato. No entanto, há algumas federações, entre as mais antigas, em que subsiste ainda um centralismo que teria tendência para sufocar a autonomia do sindicato; mas são apenas vestígios dum passado, que foi abolido sob a onda da consciencia revolucionária.  
 A Federação, com uma base essencialmente federal, é administrada por um Comité federal, composto dum delegado de cada sindicato filiado. Este delegado, sempre revocável pelo respectivo sindicato, fica em contacto permanente, por correspondencia, com a organização que representa; desta maneira, cada sindicato não vê as suas deliberações adulteradas na Federação. As Federações da Alimentação, dos Couros e Peles, da Metalurgia, etc., são assim constituídas.  
 O tipo da Federação centralista é-não dado pela Federação do Livro. Esta Federação é administrada por um Comité central, nomeado por alguns anos,







**CHUADO TERRASSE** Desde as 2 da tarde  
Matinée e Soirée  
As últimas aventuras de Maciste, 5.ª jornada. A falsa confissão. 5 partes.  
ROMANCE DE MACISTE, 10.ª, 11.ª e 12.ª, 6 partes e outros êxitos.  
Amanhã ESTREIA Castigo e abnegação, 4.ª jornada das Aventuras de Maciste. (482)

**BUNA SINDICAL**

**va fase de organização**

o Sindicato Único muito se discutido por e contra, e, na verdade, tornou-se ele um assunto palpitante e de grande interesse para os militantes operários, que o reconhecem em grande utilidade dentro do meio sindical, pela sua simplificação e prática.

Porém, como há pontos não previstos e compreendidos na sua estrutura, para que se obtenha o objectivo que visam os Sindicatos Unicos da nossa indústria, é necessária a adição de pontos para encontrarmos o resultado íntimo e benéfico que eles trazem à organização sindical.

Em primeiro lugar faz notar aos que interessam pela causa operária que existem sindicatos únicos embora este título e vassalados nos moldes, sem que, contudo, os seus princípios, organizadores se tenham apercebido de tal. É o caso das Ligas das Artes Gráficas, da Construção Civil, etc., uma vez modernizada a sua função, um pequeno esforço fica resolvido simples problema, que a muitos se afigura difícil.

porque não se metem já mãos à obra, não é esse um caso para ser resolvido em congresso da respectiva indústria, e assim deve ser, o que impede, todavia, que se comece a trabalhar, activamente e com vontade, para o fim desejado.

bre a esfera de acção dos Sindicatos Unicos, é opinião de muitos camaradas, e minha também, que nos centros de maior actividade se constituam sindicatos únicos por indústria, com as respectivas secções, segundo a área da cidade e arredores, tal como o S. M. de Lisboa já efectuou em parte, beneficiando algumas das vantagens oferecidas o S. U., outras há que ainda foram enumeradas, pois incumbem tratar, por exemplo, de todas as coisas que lhe digam respeito, porquanto não se pode fazer-lo com mais facilidade. Deste modo tira um do trabalho à Federação Nacional, deixando-se a sua função à uma organização local, além de poder prestar de duas secções federais, bastante penosissimo Conselho Federal.

porventura há divergências sobre o sistema de agrupar as profissões em pequenas indústrias, julgo simples, minha opinião, o seguinte:

Para a constituição do Sindicato Único Metalúrgico acho bem dentro de todos os componentes da respectiva indústria, desde o operário que trabalha em oficina, até ao que trabalha na manufatura metalúrgica, ou seja, o estroferio, o gravador, o auxiliar permanente dos colegas gráficos, indispensáveis, consequentemente, à indústria. Reforço do que não nos dá o trabalho, temos o operário de molde, que é considerado de trabalho pesado, de que todos os seus conhecimentos, quer técnicos quer profissionais, auxiliam à indústria.

o auxiliar indispensável do fundido de metais, apesar de trabalhar a arca na moldação para a manufatura metalúrgica, sendo mesmo conhecido nos pelo bichinho da areia, o fundido também é considerado metalúrgico.

As formas buscar o obreiro que faz as construções navais em cimento, tanto o carpinteiro, como o alheiro e o torneiro trabalham em um pressado. De modo que a organização por matéria prima daria lugar a grandes confusões.

Em nada influi a variedade de conserto ou produção nas especialidades da indústria, e muito menos influi para a constituição dos sindicatos únicos por indústria como estão estes, porque a aplicação à efectivação destes organismos, consequentemente, o desdoro ou negação das federações de indústria existentes, forma como elas estão constituídas, e o ponto de vista centralizador, temos nada a recear no grupo profissional, cuja força aumenta na coligação dos grupos de cada sindicato, dando o esforço insano da federação para descansar, mais confiantes os sindicatos únicos, que tem a seu favor as suas secções dispersas pelo território.

bre os sindicatos mistos fica o caso de que a consciência dos seus influências, que gozem de certo prestígio pela sua razão de continuidade dessas entidades, visto não serem de indústrias especializadas, e sendo, além disso, de carácter local. O facto de alguns sindicatos serem de operários artesanais, tem nada para o caso, pois o mesmo se dá com as companhias de exploração diversa em determinada praça.

minha opinião há só uma excepção, e essa está dentro da lógica. Refiro-me aos ferroviários, quer do Estado quer de empresas particulares, porque não exercem a sua actividade sob a direcção duma entidade que exerce a exploração não em Lisboa mas atraindo o país inteiro. No entanto, por via de organização, deve haver uma convenção entre as Federações de

Malas, Carteiros e Pastas  
compreem na  
FEDERAÇÃO NACIONAL DE MALAS  
RUA DA PALMA, 34, 1.  
sede do carpinteiro Cesar Pinto)

**A Batalha no Porto**

A censura telegráfica. Apesar do papão, os ferroviários mantêm-se firmes. Máquina ao paco. Violência. Exprobração da imprensa mercantil. Uma saudação entusiástica à Batalha.

PORTO, 9.-C. - Numa das muitas cartas afixadas que não podia enviar por telegrama, devido a um camarada telegrafista me avisar que as minhas notícias iriam à guilhotina. Uma prova eloquente: um camarada do pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro do Porto e Fimaleira, entusiasmado por os seus companheiros de trabalho não se assustarem com o prazo, que terminou hoje, às 10 horas, dado pela Companhia-governo civil, para os ferroviários grevistas se apresentarem ao serviço, considerando-se demitidos caso não obedecessem imediatamente às determinações da ordem, dirigiu-se ao telegrafo a fim de, pagando-o, enviar o seguinte telegrama: "Sindicato ferroviário - Lisboa - Terminou hoje prazo para apresentação do pessoal. Ninguém se apresentou. Tudo fixe. - A comissão." Como vêem, este telegrama não tinha nada de extraordinário, de subversivo, de retumbante, que fizesse pergar a gamela dos pais da pátria ou as instituições republicanas. Porém, o empregado do guichet declarou que, certamente, a censura não deixaria passar o referido telegrama, e pelo seu sorriso final, quasi que demonstrou que eram muito capazes de o enviar ao destinatário em sentido inverso. Na assembleia magna, excepcionalmente entusiástica, este facto foi comentadíssimo, motivo porque vários oradores puseram de sobre-aviso todos os assistentes, que não devem acreditar na falsidade dos informes oficiais ou mesmo da imprensa burguesa, essa rodilha que tudo deturpa, que tudo enreda. Por proposta de um dos oradores, foi saudada a imprensa operária, especialmente a Batalha, sendo levantados vivas à união ferroviária, união operária, A Batalha, etc., delirantemente correspondidos. As diversas comissões expuseram à assembleia o resultado dos seus trabalhos. Assim, soube-se que na Póvoa o entusiasmo foi idêntico ao do Porto, não fazendo os grevistas caso da ordem de apresentação ao serviço, nem se intimidando com a demissão oferecida. De todo o pessoal, só três amarelos vieram à superfície do lodo, três empregados de carteira. São eles: Carlos Braga, Ezequiel Rodrigues Pereira, o principal agitador da outra greve do pessoal da Póvoa, e José Gomes dos Reis.

A assembleia manifestou todo o seu maior desprêzo por aquelas três figuras de Judas, e o cunhado de uma delas, do Gomes dos Reis, usando da palavra, afirmou que jamais lhe apertaria a mão, porquanto, com o seu gesto, não só trairia a causa de uma corporação inteira, que tem direito a uma melhor sorte, mas também tentou comprometer o futuro da sua própria irmã e dos seus próprios sobrinhos; patifes desta natureza não merecem o menor perdão. Na associação onde se reúnem os grevistas foi colocado um placard com os nomes dos amarelos. A máquina n.º 9, já agora tripulada por militares, acaba de ir para a Póvoa, a fim de ser reparada uma séria avaria ocasionada pela incompetência. Era a melhor máquina e a Companhia lamenta-se, por este facto. As autoridades queriam obrigar um aprendiz das oficinas a tripular uma das máquinas, conseguindo este porém, fugir. Uma comissão deu conta da missão junto do director-engenheiro Alfredo Ferreira, o qual, em virtude de não conseguir em benefício do seu pessoal, como prometera, evitando a greve, pediu a demissão do cargo, pois acha justíssimas as reclamações dos ferroviários da Póvoa.

Estes continuam protestando contra a atitude cada vez mais bélica das forças militares, a contrastar com o pacifismo dos operários dos caminhos de ferro. Os quatro comboios, dois ascendentes e outros dois descendentes a que a imprensa alardeia, não passam, afinal, de dois, os mesmos que partem para a Póvoa e chegam depois ao Porto, com grandes atrasos. Um foguete de vistas. O comitê dirigente espalhou um aviso para, à mesma hora, que hoje se deviam apresentar ao serviço, segundo o *whase*, os grevistas comparecerem na Associação dos empregados da Carris, acordando em massa ao chamamento. Passada a hora em que se deviam render, revoou pela sala uma grandiosa salva de palmas, sendo soltos inúmeros vivas à greve. Voltou de novo a ser atacada a imprensa burguesa, por afirmar que os serviços se vão normalizando quando eles cada vez mais se complicam. Apesar de garantirem que os serviços dos comboios estão assegurados, toda a gente sabe que a correspondência vem atrasadíssima, a despeito de vir por mar e automóveis. Depois espalha atoardas sobre soluções de greves, retoma de serviços e composição de máquinas, quando aquela anunciada como pronta, devido ao grande achado de peças e condições nas Devezas, tem andado a rebuque de uma outra.

Então, os ferroviários da Póvoa estão decididos a não retomar o trabalho sem verem satisfeitas as suas reclamações. Não acreditam que o pessoal dos caminhos de ferro do Tua e Bragança e Vale do Vouga, tenham retornado ao trabalho, e só obedecem às ordens do Comité Central.

**Grupo "O Despertar"**

Reunio hoje este grupo no local do costume, pelas 22 horas.

**Festas operárias**

Na Cooperativa de Crédito e Consumo da Biblioteca Regeneração Popular, rua Castelo Branco Saravia, B. 1.ª, continuam hoje, às 15 horas, as festas promovidas pela direcção para compra de materiais para construção da nova sede. Tomam parte nesta festa os cultivadores da canção nacional, Artur Augusto, Alfredo dos Santos, António Lado, João Baptista Lopes, Manuel Planista, João Peixinho, Eduardo Aguiar e Augusto Gatinho.

Estas festas são efectuadas no recinto da Cooperativa, com entrada pela quinta de Santo António.

**SOVIETISMO**

Conselho Maximalista de Campo de Ourique (C. A. - Retire hoje, pelas 10 horas, no local combinado, não devendo faltar nenhum elemento)

**Jornal do Público**

**Protestos e reclamações**

**No Parque Automóvel Militar**

Em Maio último foram licenciadas as praças da classe 1910-13, por períodos porrogáveis de 30 dias, dizendo-se que licenciadas seriam igualmente as respectivas classes. Quando, porém, as praças licenciadas se apresentaram, findo o primeiro período de licença, para que esta lhes fosse renovada, foi-lhes isso negado a pretexto de que eram precisos os seus serviços. Não se justifica esta desculpa, pois a maioria ficou trabalhando nos seus ofícios como operários civis. As poucas praças que andavam trabalhando em obras particulares, tiveram de abandonar esse trabalho para voltar para o Parque, esperando ansiosamente o dia do licenciamento.

É estranho que, tendo o ministério da guerra enviado para o Parque uma circular, ordenando que fossem licenciadas todas as praças até 1917 e sorteadas as de 1918, isso não tenha ainda acontecido.

Pede-nos o grupo de soldados que nos procurou para nos relatar o exposto, que façamos com que estes casos sejam do conhecimento das entidades superiores, esperando que providências serão dadas de forma a normalizar a sua situação.

**Mano caminho**

Procuraram-nos os camaradas Manuel de Sousa e José de Sousa, pedreiros, para nos comunicar que o encarregado da obra do bairro da Ajuda, Francisco de Oliveira, o despediu arbitrariamente, ameaçando-o primeiro com um camarello e depois de revolver em punho, quando eles inquiriam do motivo do seu despedimento. Que quem superintende naquela obra, chame à ordem o referido encarregado e lhe faça ver que não é prudente brincar com o pão dos que trabalham, pois é muito possível que os lesados resolvam eles próprios fazer compreender isso ao sr. Oliveira.

**A falta de água**

Queixam-se nos operários da rua Maria Pia e proximidades contra a falta de água que diariamente se nota naqueles sítios. No único chafariz que abastece aqueles sítios só começa a haver água das sete horas em diante e mesmo assim em tam pequena quantidade que as suas companhias levam um dia inteiro para encher uma pequena bilha, com prejuizo de todos os serviços caseiros que tem de ser abandonados para arranjar água.

Não poderia entrar de vez na normalidade o abastecimento da água nos bairros pobres?

De um grupo de moradores das ruas Castelo Branco Saravia e Frei Manuel do Cenáculo, recebemos o seguinte protesto, que gostosamente publicamos:

**Sr. redactor do jornal "A Batalha"**

Os abaixo assinados, moradores das ruas Castelo Branco Saravia e Frei Manuel do Cenáculo, vem por este meio pedir que, por intermédio do seu milid jornal, se chame a atenção de quem de direito para que se tomem energias e imediatas providências relativamente à grande falta de água que, por aqueles sítios se vem sentindo há mais de oito dias. Já se tem reclamado para a companhia das águas e a resposta, é sempre: "Já se vai mandar tomar as devidas providências", e, a final essas providências nunca chegam! Será caso que nos queiram matar à sede, já que de fome estamos quasi a morrer? Infeliz povo o que habita Lisboa, que era digno de melhor sorte! Nos tempos modernos que vamos atravessando, temos experimentado toda a qualidade de privações sem que ninguém se importe com as agruras do povo! Como mais nos faltará? Evitando mais queixas e não querendo tomar mais espaço ao seu concetudado jornal, muito gratos lhe ficamos pela publicação desta de V. assim o julgar conveniente.

**Um pedido justissimo**

Escreve-nos o sr. Francisco Rodrigues Junior, soldado n.º 145 da 2.ª divisão do Depósito Militar Colonial, relatando-nos que, quando rebentou a guerra, se ofereceu para combater, sendo utilizado nos seus serviços na África Oriental, onde permaneceu e se assina natura do armistício.

Como já não eram precisos os seus préstimos, visto a guerra já ter acabado, licenciaram-no, não lhe entregando, porém, a caderneta que se encontra ainda em África e sem a qual aquele senhor não consegue arranjar trabalho, pois todos lhe exigem para verificar o seu comportamento.

Bom seria que se tomassem as necessárias providências, para que aquele senhor fosse entregue a referida caderneta, pois não é justo que o Estado conceda a fome quem deu todo o seu esforço pela defesa dos seus interesses.

**Senhorios e inquilinos**

A nossa redacção vieram queixar-se os inquilinos do prédio n.º 17, sito na rua das Adelas, de que o proprietário, sr. Almeida, a pretexto de fazer umas obras na sua propriedade, lhes deu ordem de despejo.

Notificaram-lhe que, não conseguindo arranjar casa, estavam dispostos a sujeitar-se às obras e até a pagar um pequeno aumento, caso eles assim o entendesse. A nada atendeu o senhorio, mantendo a sua primitiva ordem de despejo.

Conformaram-se os inquilinos e voltaram de novo a procurar casa, mas, depois de terem corrido a via sacra e de nada terem encontrado, na perspectiva de virem morar para a rua, estão resolvidos a resistir ao mandato de despejo. Bom será que o sr. Almeida considere porque o mau é estabelecer-se o precedente: se os inquilinos começam todos a seguir, qualquer dia terão ao movimento formidável de protesto contra os maneios dos especuladores sem escrúpulos, movimento que já tarda.

**Contratando um vereador**

Como que o sr. Paiva e Pona tivesse acusado, numa das últimas sessões da Câmara Municipal, o pessoal actualmente a trabalhar no quartel n.º 8, situado atrás do teatro Almeida Garrett, de pouco zelo e nenhuma actividade.

**A BATALHA**

**TEATRO SÃO LUIZ**

Hoje, domingo, 2.ª representação da peça

**O pé de meia**

Reunião da U. S. O. - Greves metalúrgicas vitoriosas - Uma lista negra

Em assembleia de delegados reunida no novo U. S. O. de Gaia, tendo lido o diploma estatutário, que foi, depois de alguma discussão, aprovado. O delegado dos construtores navais expôs a assembleia os trabalhos realizados para a organização da associação de classe dos serradores, ficando resolvido convidar o mesmo sindicato a ingressar neste organismo.

Alguns dos presentes fizeram a leitura da carta da vida, sendo por todos os presentes discutido e assumido, e ficando a continuação e resolução final para a próxima assembleia, que se reunirá amanhã, depois de alguns assuntos de urgência, foi encerrada a sessão.

Já no n.º 123 de A Batalha de 29 de junho, nos referimos aos moços que permanecem de serviço a bordo 34 e 36 horas em cada 48, e hoje vimos protestar contra o facto de ainda se continuar a descontar aos tripulantes dos Transportes Marítimos, um dia de soldada por mês para a pensão de sangue.

Nunca pudemos ver de bom grado tais descontos que se nos afiguram sempre arbitrários, pois se o Estado achava de justiça socorrer as famílias dos sinistrados por efeitos dos torpedeamentos, devia fazê-lo do seu coife e não à custa dos parcos salários dos tripulantes, mas uma vez conjurado o perigo submarino, lógico era que tivessem acabado os tais descontos, visto ter acabado a causa que os motivou. Tal não aconteceu pois que continuamos a descontar um dia de salário por mês, contra o que protestamos, não só por recebermos constantes reclamações dos tripulantes neste sentido, como por acharmos injustos tais descontos.

Igualmente lavramos o nosso protesto contra o facto de a bordo dos navios da Empresa Insulana de Navegação, não se respeitar a lei n.º 290 que estabelece o horário de 10 horas de trabalho, sendo nos seus navios S. Miguel e Funchal, os únicos onde se não pagam as horas extraordinárias. - A Direcção da Associação dos Insetos Marítimos Portugueses.

**CRUZ BRANCA**

No seu posto de socorros permanente em Campo de Ourique fizeram-se durante a semana de última 41 curativos de urgência, entre eles:

Esmeralda Bandeira, 4 anos, moradora na travessa do Bafuto, 4, que andando a cavalo, caiu de costas, ferindo-se no pé esquerdo.

João Francisco Negreiros, 12 anos, vila Graciete, 4, a rua Maria Pia, que foi agredido com uma pedra no lado superior.

Augusto Dias, 3 anos, rua Maria Pia, 26, porta 8, ferida com uma pedrada na cabeça.

Zulmira Rodrigues, 11 anos, rua Saraiva de Carvalho, 4, 1.ª, que foi colhida por um ferro, ficando ferida no pé direito.

João Bernardo, 51 anos, rua do Passadouro, 41, que caiu da escada que guiava, ferindo-se na mão direita.

Francisco Pais da Fonseca, 50 anos, carrocero, rua Nova da Piedade, patio do Bafuto, 30, que, no centro dos Frizeres, espantando-se o cavalo que levava a carroça que guiava, foi com o veículo de encontro a uma árvore, ficando a Fonseca muito ferido no braço esquerdo.

Betiz Carolina, 3 anos, Monte Prado, 8, que caiu na residência, ferindo-se na cabeça.

Luis César, 51 anos, carpinteiro, rua Tomaz da Anunciação, vítima de desastre na residência, ferido na mão direita.

João Augusto Marques, 24 anos, comerciante, rua Paço de Arcos, 44, ferido na mão esquerda.

Alvaro Pereira Gomes, 13 anos, Casal Ventoso 5, agredido com uma pedrada na cabeça.

**Os que roubam fora da lei**

Queixam-se a polícia Francisco Tomás, Avenida Defensores de Chaves, 22, de que por chave falsa, furtaram de sua residência roupas no v. l. de 9000 e 6 libras em ouro; José Alexandre Vasconcelos, rua de S. Miguel Simão, 24, furtou de sua residência, furtaram da sua residência objectos no valor de 3800.

Foi preso um indivíduo por furtar caixão de madeira, no valor de 1000 a Joaquim Feneis, rua da Costa, 30.

O agente António Costa prendeu ontem no Terreiro do Paço um conhecido burlão, acusando-o de ser o autor duma falsa subscrição a favor de republicanos pobres, para os quais pediu em nome do sr. Ricardo Cavões.

**MOVIMENTO MARITIMO**

Entradas em 12 de Junho:

Vapores: norueguês E. Holm, de Valência; suco *Mausilia*, de Genova; *Idigles Pheini*, de Cardiff; português *Lisboa*, do Porto; inglês *Hilbert*, de Londres; haitiano inglês W. Prichard, de Gujer; português *Prateado*, de Seilub; e *Nazare*, de Ronen; escuna francesa *Lamouette*, de Swansea.

Saídas:

Vapores: inglês *Elder*, para Londres; português *El Eanes*, para Rouen; norueguês *Lessa*, para Cristiania; haitiano inglês *New Castle*, para Cristiania; haitiano espanhol *Severina*, para Sevilha.

**O verdadeiro Depurativo Dias Amado**

O único deste nome que está registado em todos os países da Convenção Internacional de Marcas.

**As doenças sifilíticas**

O único preparado que não contém mercúrio, como consta das várias análises que procederam os distintos químicos dr. Charles Lepierre, dr. Angèle da Fonseca, dr. Girard, dr. Almeida Reis, etc., etc., o famoso Depurativo Dias Amado, autor, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose, etc., reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais, causadas pela impureza do sangue.

**Depósito geral - Casa do autor - Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) - Lisboa - Telef. 1667.**

**Porto - Farmácia Almeida Cunha, à rua Formosa, 327.**

**Todos devem ler**

**A Minha Defesa**

por Jorge Elévant

Auto-defesa do autor no tribunal, e uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pequeno tratado à administração da Sementeira, Cais do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

**A BATALHA**

**VILA NOVA DE GAIA, 3**

Reunião da U. S. O. - Greves metalúrgicas vitoriosas - Uma lista negra

Em assembleia de delegados reunida no novo U. S. O. de Gaia, tendo lido o diploma estatutário, que foi, depois de alguma discussão, aprovado. O delegado dos construtores navais expôs a assembleia os trabalhos realizados para a organização da associação de classe dos serradores, ficando resolvido convidar o mesmo sindicato a ingressar neste organismo.

Alguns dos presentes fizeram a leitura da carta da vida, sendo por todos os presentes discutido e assumido, e ficando a continuação e resolução final para a próxima assembleia, que se reunirá amanhã, depois de alguns assuntos de urgência, foi encerrada a sessão.

Já no n.º 123 de A Batalha de 29 de junho, nos referimos aos moços que permanecem de serviço a bordo 34 e 36 horas em cada 48, e hoje vimos protestar contra o facto de ainda se continuar a descontar aos tripulantes dos Transportes Marítimos, um dia de soldada por mês para a pensão de sangue.

Nunca pudemos ver de bom grado tais descontos que se nos afiguram sempre arbitrários, pois se o Estado achava de justiça socorrer as famílias dos sinistrados por efeitos dos torpedeamentos, devia fazê-lo do seu coife e não à custa dos parcos salários dos tripulantes, mas uma vez conjurado o perigo submarino, lógico era que tivessem acabado os tais descontos, visto ter acabado a causa que os motivou. Tal não aconteceu pois que continuamos a descontar um dia de salário por mês, contra o que protestamos, não só por recebermos constantes reclamações dos tripulantes neste sentido, como por acharmos injustos tais descontos.

Igualmente lavramos o nosso protesto contra o facto de a bordo dos navios da Empresa Insulana de Navegação, não se respeitar a lei n.º 290 que estabelece o horário de 10 horas de trabalho, sendo nos seus navios S. Miguel e Funchal, os únicos onde se não pagam as horas extraordinárias. - A Direcção da Associação dos Insetos Marítimos Portugueses.

**CRUZ BRANCA**

No seu posto de socorros permanente em Campo de Ourique fizeram-se durante a semana de última 41 curativos de urgência, entre eles:

Esmeralda Bandeira, 4 anos, moradora na travessa do Bafuto, 4, que andando a cavalo, caiu de costas, ferindo-se no pé esquerdo.

João Francisco Negreiros, 12 anos, vila Graciete, 4, a rua Maria Pia, que foi agredido com uma pedra no lado superior.

Augusto Dias, 3 anos, rua Maria Pia, 26, porta 8, ferida com uma pedrada na cabeça.

Zulmira Rodrigues, 11 anos, rua Saraiva de Carvalho, 4, 1.ª, que foi colhida por um ferro, ficando ferida no pé direito.

João Bernardo, 51 anos, rua do Passadouro, 41, que caiu da escada que guiava, ferindo-se na mão direita.

Francisco Pais da Fonseca, 50 anos, carrocero, rua Nova da Piedade, patio do Bafuto, 30, que, no centro dos Frizeres, espantando-se o cavalo que levava a carroça que guiava, foi com o veículo de encontro a uma árvore, ficando a Fonseca muito ferido no braço esquerdo.

Betiz Carolina, 3 anos, Monte Prado, 8, que caiu na residência, ferindo-se na cabeça.

Luis César, 51 anos, carpinteiro, rua Tomaz da Anunciação, vítima de desastre na residência, ferido na mão direita.

João Augusto Marques, 24 anos, comerciante, rua Paço de Arcos, 44, ferido na mão esquerda.

Alvaro Pereira Gomes, 13 anos, Casal Ventoso 5, agredido com uma pedrada na cabeça.

**Os que roubam fora da lei**

Queixam-se a polícia Francisco Tomás, Avenida Defensores de Chaves, 22, de que por chave falsa, furtaram de sua residência roupas no v. l. de 9000 e 6 libras em ouro; José Alexandre Vasconcelos, rua de S. Miguel Simão, 24, furtou de sua residência, furtaram da sua residência objectos no valor de 3800.

Foi preso um indivíduo por furtar caixão de madeira, no valor de 1000 a Joaquim Feneis, rua da Costa, 30.

O agente António Costa prendeu ontem no Terreiro do Paço um conhecido burlão, acusando-o de ser o autor duma falsa subscrição a favor de republicanos pobres, para os quais pediu em nome do sr. Ricardo Cavões.

**MOVIMENTO MARITIMO**

Entradas em 12 de Junho:

Vapores: norueguês E. Holm, de Valência; suco *Mausilia*, de Genova; *Idigles Pheini*, de Cardiff; português *Lisboa*, do Porto; inglês *Hilbert*, de Londres; haitiano inglês W. Prichard, de Gujer; português *Prateado*, de Seilub; e *Nazare*, de Ronen; escuna francesa *Lamouette*, de Swansea.

Saídas:

Vapores: inglês *Elder*, para Londres; português *El Eanes*, para Rouen; norueguês *Lessa*, para Cristiania; haitiano inglês *New Castle*, para Cristiania; haitiano espanhol *Severina*, para Sevilha.

**O verdadeiro Depurativo Dias Amado**

O único deste nome que está registado em todos os países da Convenção Internacional de Marcas.

**As doenças sifilíticas**

O único preparado que não contém mercúrio, como consta das várias análises que procederam os distintos químicos dr. Charles Lepierre, dr. Angèle da Fonseca, dr. Girard, dr. Almeida Reis, etc., etc., o famoso Depurativo Dias Amado, autor, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose, etc., reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais, causadas pela impureza do sangue.

**Depósito geral - Casa do autor - Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) - Lisboa - Telef. 1667.**

**Porto - Farmácia Almeida Cunha, à rua Formosa, 327.**

**Todos devem ler**

**A Minha Defesa**

por Jorge Elévant

Auto-defesa do autor no tribunal, e uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pequeno tratado à administração da Sementeira, Cais do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

**NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES**

**VILA NOVA DE GAIA, 3**

Reunião da U. S. O. - Greves metalúrgicas vitoriosas - Uma lista negra

Em assembleia de delegados reunida no novo U. S. O. de Gaia, tendo lido o diploma estatutário, que foi, depois de alguma discussão, aprovado. O delegado dos construtores navais expôs a assembleia os trabalhos realizados para a organização da associação de classe dos serradores, ficando resolvido convidar o mesmo sindicato a ingressar neste organismo.

Alguns dos presentes fizeram a leitura da carta da vida, sendo por todos os presentes discutido e assumido, e ficando a continuação e resolução final para a próxima assembleia, que se reunirá amanhã, depois de alguns assuntos de urgência, foi encerrada a sessão.

Já no n.º 123 de A Batalha de 29 de junho, nos referimos aos moços que permanecem de serviço a bordo 34 e 36 horas em cada 48, e hoje vimos protestar contra o facto de ainda se continuar a descontar aos tripulantes dos Transportes Marítimos, um dia de soldada por mês para a pensão de sangue.

Nunca pudemos ver de bom grado tais descontos que se nos afiguram sempre arbitrários, pois se o Estado achava de justiça socorrer as famílias dos sinistrados por efeitos dos torpedeamentos, devia fazê-lo do seu coife e não à custa dos parcos salários dos tripulantes, mas uma vez conjurado o perigo submarino, lógico era que tivessem acabado os tais descontos, visto ter acabado a causa que os motivou. Tal não aconteceu pois que continuamos a descontar um dia de salário por mês, contra o que protestamos, não só por recebermos constantes reclamações dos tripulantes neste sentido, como por acharmos injustos tais descontos.

Igualmente lavramos o nosso protesto contra o facto de a bordo dos navios da Empresa Insulana de Navegação, não se respeitar a lei n.º 290 que estabelece o horário de 10 horas de trabalho, sendo nos seus navios S. Miguel e Funchal, os únicos onde se não pagam as horas extraordinárias. - A Direcção da Associação dos Insetos Marítimos Portugueses.

**CRUZ BRANCA**

No seu posto de socorros permanente em Campo de Ourique fizeram-se durante a semana de última 41 curativos de urgência, entre eles:

Esmeralda Bandeira, 4 anos, moradora na travessa do Bafuto, 4, que andando a cavalo, caiu de costas, ferindo-se no pé esquerdo.

João Francisco Negreiros, 12 anos, vila Graciete, 4, a rua Maria Pia, que foi agredido com uma pedra no lado superior.

Augusto Dias, 3 anos, rua Maria Pia, 26, porta 8, ferida com uma pedrada na cabeça.

Zulmira Rodrigues, 11 anos, rua Saraiva de Carvalho, 4, 1.ª, que foi colhida por um ferro, ficando ferida no pé direito.

João Bernardo, 51 anos, rua do Passadouro, 41, que caiu da escada que guiava, ferindo-se na mão direita.

Francisco Pais da Fonseca, 50 anos, carrocero, rua Nova da Piedade, patio do Bafuto, 30, que, no centro dos Frizeres, espantando-se o cavalo que levava a carroça que guiava, foi com o veículo de encontro a uma árvore, ficando a Fonseca muito ferido no braço esquerdo.

Betiz Carolina, 3 anos, Monte Prado, 8, que caiu na residência, ferindo-se na cabeça.

Luis César, 51 anos, carpinteiro, rua Tomaz da Anunciação, vítima de desastre na residência, ferido na mão direita.

João Augusto Marques, 24 anos, comerciante, rua Paço de Arcos, 44, ferido na mão esquerda.

Alvaro Pereira Gomes, 13 anos, Casal Ventoso 5, agredido com uma pedrada na cabeça.

**Os que roubam fora da lei**

Queixam-se a polícia Francisco Tomás, Avenida Defensores de Chaves, 22, de que por chave falsa, furtaram de sua residência roupas no v. l. de 9000 e 6 libras em ouro; José Alexandre Vasconcelos, rua de S. Miguel Simão, 24, furtou de sua residência, furtaram da sua residência objectos no valor de 3800.

Foi preso um indivíduo por furtar caixão de madeira, no valor de 1000 a Joaquim Feneis, rua da Costa, 30.

O agente António Costa prendeu ontem no Terreiro do Paço um conhecido burlão, acusando-o de ser o autor duma falsa subscrição a favor de republicanos pobres, para os quais pediu em nome do sr. Ricardo Cavões.

**MOVIMENTO MARITIMO**

Entradas em 12 de Junho:

Vapores: norueguês E. Holm, de Valência; suco *Mausilia*, de Genova; *Idigles Pheini*, de Cardiff; português *Lisboa*, do Porto; inglês *Hilbert*, de Londres; haitiano inglês W. Prichard, de Gujer; português *Prateado*, de Seilub; e *Nazare*, de Ronen; escuna francesa *Lamouette*, de Swansea.

Saídas:

Vapores: inglês *Elder*, para Londres; português *El*



# REGENERAÇÃO

romance social

POR

## CURUÊLO DE MENDONÇA

SEGUNDA PARTE

### Organização e triunfo

IX

Era o período franco da vitória das ideias libertárias, depois dos seus tremendos combates contra os preconceitos coligados do comércio parasitário, da agricultura senhoril e da burguesia, a ferida no seu orgulho vão de força dominadora em uma sociedade infeliz e doente.

Para que resistir? Para que inventar novas cidades contra esse poder maravilhoso que zombava de todos os ataques na sua inalterável serenidade? Em vão todas as armas lhe tinham sido atiradas; não encontrando a resistência de armas iguais, o combate não era mais possível.

Em Jerusalém eles amavam e venciam

pelo amor. Acaso seriam os tempos anunciados pelos profetas bíblicos, que chegavam? Sim! Parecia que o mundo ia ser transformado. O mundo velho ia desaparecer; e, segundo a crença vulgar, o fogo seria o novo elemento de destruição. Primeiramente tinha sido a água, tinha sido o dilúvio do tempo de Noé. Agora devia ser o fogo; mas que fogo seria esse? Seria a labareda cindente destruindo as forças da vida? Muitos o acreditavam, sobretudo os velhos de espírito e de coração, os obstinados, que desejavam morrer sem contemplar esses malditos tempos novos que não podiam compreender; mas, pouco a pouco, começaram a pensar, a refletir, a moidade tinha o instinto, tinha o sentimento recôndito da transfiguração social em que era chamada a viver. Esse era o fogo, o espírito novo que, a despeito de todas as forças contrárias, percorria electricamente a superfície do planeta, acendendo os corações, criando as ideias, formando as azas desses pobres seres implúmes que são os homens de hoje, de frente curvada para a terra, querendo conquistar-la, querendo gas-la e perdendo-a cada vez mais.

Agora eles despertavam, eles voavam nas azas desse ardor novo, olhando para cima, para a luz, para a verdade e a justiça.

E depois contemplavam-se e envergonhavam dos odios que tinham alimentado. O fogo destruíra as instituições fundadas pelo odio e para o odio das classes; mas criara novos laços para

o amor. E os homens, não mais perambulando o tempo que perdiam nas suas lutas para apropriar-se dos bens da terra, ficaram admirados da imensa obra de que eram capazes. A terra entregava-se-lhes transfigurada, rendida pelos processos de concórdia e solidariedade.

Jerusalém, pois, crescia já sem obstáculos. Seus heróis tinham continuado, seguidores vindos de toda parte. Muitos vinham colher ali onde não haviam semeado; mas o prazer ideal das primeiras vitórias, das primeiras conquistas na terra ingrata e safara, pintava-se como um diadema de luz nas cabeças enlameadas de António, de Ricardo e de José.

Estes não mais agiam pelo brágo, pela intervenção directa no prodigioso movimento das oficinas em que se elaboravam e conduziam as instituições abençoadas da sociedade nova.

Eles descaçavam, dormiam, acordavam e viviam ainda de uma vida toda espiritual, o sono venturoso dos seus sonhos realizados. E sonhavam novos sonhos, novas combinações de felicidade e harmonia para que se aperfeiçoasse e alargasse cada vez mais a indelével obra do progresso.

Entanto a morte esvoaçava já por sobre as cabeças brancas desses homens gigantes. Ela já os tinha mesmo visitado, roubando-lhes pedaços da própria vida. Ora um filho cheio de esperança e futuro; ora, a mulher querida, companheira e alma esposa.

Eles viviam já, portanto, voltados

## A BATALHA

para o seio misterioso do desconhecido, onde se aninhavam por ventura as almas luminosas desses entes que se anteciparam na fatal viagem. Vivendo juntos, em aposentos próximos, comunicando-se constantemente, trocavam entre si os aís da saudade, as lembranças dos esforços coligados e as esperanças de novas conquistas igualitárias e sublimes que tinham pensado realizar; porque, a despeito da idade, a despeito da ruína que solapava os pedestais, aquelas estátuas conservavam-se de pé, os espíritos numa solidez surpreendente e capazes, se possível, de animar novos corpos e encetar novas vidas fecundas para a humanidade. Mas... para que viver quando se tem perdido os entes amados, quando se tem realizado uma tarefa? É necessário render o bastião da jornada, mergulhar na sombra e desfazer-se na poeira impalpável do invisível...

Porventura viver-se há depois, viver-se há nos corações dos que ficam, viver-se há sempre e indefinidamente pelos sonhos que se tem sonhado, pelo bem que se tem feito, pela dor que se tem sofrido e pelo amor com que se tem amado...

Assim, os bons viverão eternamente, subjectivamente, aumentando a vida das gerações futuras, descortinando novas belezas, novos raios de luz que decorrem o vau da inatingível Verdade.

António, José e Ricardo, antes mesmo de lhes chegar o momento da morte, acabaram por mergulhar as suas almas na visão longínqua do futuro. Des-

cendentes seus, filhos de seus filhos, vinham de quando em quando restituí-los o sentido da vida, enchendo-os de infinitos carinhos; eles sorriam e contavam-lhes como orçãos que os ligavam ainda ao mundo; mas voltavam logo ao antegosto da existência mais perfeita e mais harmoniosa ainda do que aquela que tinham podido criar.

E assim, pouco a pouco, insensivelmente, eles se imobilizaram e os seus corpos se submeteram à lei da morte. Um sorriso de infinita doçura ficava gravado em seus lábios. A serenidade e a paz suprema traduziam a expressão derradeira dos anseios desses heróis pela felicidade do planeta que tinham procurado regenerar.

E parecia que eles se não tinham acabado, que as suas sombras luminosas andavam pelos âmbitos de Jerusalém, espalhando a bondade e a verdade. Crianças no berço sonhavam com esses velhos legendários que lhes vinham beijar na silenciosa calma das noites de luar. Mulheres afirmavam tê-los visto em brancas vestes vaporosas, abençoando os continuadores da boa tarefa.

E como duvidar desses sonhos inocentes, dessas visões cheias do vivo sentimento feminino? Eles amavam e nevavam no seio do amor, n'esse mundo feliz criado pelos apóstolos bemaventurados.

Porque não os poderiam ver as mulheres e as crianças nos seus sonhos alacres, nas suas visões venturosas? Porque a morte destruíra de vez essas recordações, essas saudades que recons-

tituem a vida, remodelam os corpos e evocam as sombras dos que desapareceram da existência objectiva?

A morte não é somente destruidora; mas vivificante e criadora ela é também. A ciência proclama-o, dizendo que nada se perde, que tudo se transforma. Porque os homens seriam as únicas coisas que se perderiam para sempre? Não revivem eles nos filhos e netos? Não poderão acaso resuscitar nos corações amantes?

Ilusão! doce ilusão! Que tu sejas realidade, porque és consoladora, és divina e és humana também... Que a morte não exista! que ela seja a vida aumentada do ser, a vida sonhada nos anseios do bem e da verdade!

Uns renasceram das próprias lutas, transformando-se, transfigurando-se pelo baptismo novo da existência solidária, como António, José e Ricardo; a outros, porém, não é dado ressurgir senão das próprias cinzas: a morte vivifica-os, os átomos desagregados de seus corpos vão formar outros organismos, outros seres, onde porventura se aninham as almas errantes dos que tombaram no seio do crime, da miséria física e moral, da iniquidade e degradação económica e social em que viveram. Mas a vida faz-se sempre, renova-se todos os dias. Mais luz, mais verdade, mais justiça e felicidade vão caindo e abrindo as suas azas fagueiras por sobre o triste planeta da dor e do sofrimento. E a hora da regeneração chegará, a regeneração total e perfeita, pelo nivelamento das classes numa só harmonia de vida; pelo desaparecimento da moeda e do comércio iníquo; pela ciência estendida a todos; pelo trabalho atraente; pela existência solidária; pela realização suprema de todos os sonhos, todos os nobres anseios doutrinadores e apóstolos de todos os tempos.

FIM

A seguir:

## O Calvário

de Octave Mirbeau

### OPTIMO CAFE

Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS

PERFUMARIAS — "MENNEN'S", AMERICANAS

Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores

215 Rua Augusta, 70, 2. — Telef. C. 1196

### COMPANHIA DE SEGUROS A NACIONAL

Sede em sua propriedade

Avenida da Liberdade, 14, Lisboa

Seguros sobre a vida humana E CONTRA

Acidentes no trabalho, Incêndios, roubo e riscos de transporte

### Cirurgião-Dentista

Diplomado pela Faculdade de Medicina de Lisboa

**A. Marques Coelho**

CONSULTAS das 8 às 20 horas. Aos srs. assinantes de A Batalha desconto de 10 %.

Avenida Almirante Reis, 105 r/c

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

**Louçaria do Poço Novo**

Louças esmaltadas, vidros, jaras, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de A Batalha, tem o desconto de 6 % (sendo 3 % a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a província — ilhas e colónias —

Largo do Poço Novo, 22 — Lisboa (junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

### COMPANHIA PORTUGUESA DE EXPORTAÇÃO

(EM ORGANIZAÇÃO)

CAPITAL 1.000 CONTOS

216 Continua aberta a subscrição de acções até 30 de Junho próximo, sujeita a ratificação, na sede provisória desta Companhia: Rua Augusta, 70, 2.º — Telef. C. 1196.

Pela COMISSÃO ORGANIZADORA

**António Monteiro de Macedo**  
Comerciante e Director da Companhia de Seguros A Oriental

**Alberto Madureira**  
Médico e proprietário

**Eduardo da Costa Cabral**  
Capitalista e antigo deputado

**Elísio Pinto de Almeida e Castro**  
Contador do Tribunal do Comércio do Porto e antigo Senador

**J. E. Saraiva**  
Comerciante

**Joaquim Avelino Martins**  
Engenheiro

**Vladimiro Contreira**  
Comerciantista

### Vende-se

Arame para enfiar em bom estado a 120 réis o quilo.

Rua das Mercês, 29 (à Ajuda) Lisboa

### CARVÃO

e briquetes sem fumo ao domicílio

Sôbro (azinho) puro... 1510

Briquetes 1.ª ..... 565

em sacos selados de 45 quilos

Bolas a \$32 o cento, claso a \$60

Avisa-se o público de que este carvão não é misturado. Pedidos a João Pereira, rua da Madalena, 23, 2.º; telefone 3316 C; Rocio, 42; e Largo da Graça, 99.

### MADEIRAS

e materiais de construção nacionais e estrangeiros

Grande sortimento de soalhos de pinho de 1.ª qualidade

Forros e fassuados de todas as qualidades

Vigamento do pinho em grosso e serrado. Casquinha e Spruce

Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas

**João de Oliveira Duque**

288, Rua do Bemfornoso, 290 — LISBOA

R. Miguel Pais, 107 — BARREIRO

### Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade anónima. — Estatutos do 30 de Novembro de 1904

Edição de 30 dias

A contar da data da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido assentador do distrito n.º 42 da Divisão de Viagem e Obras, Francisco Viana, a pensar por ele legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões a referida Companhia, nos termos do requerimento de 26 de Maio de 1909, concordando a divisão ora impugnada pelo em requerimento da viuva Maria Vivas e seus filhos menores Maria, Vitória e João.

Finalmente será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 1 de Julho de 1913.

O Presidente da Comissão Executiva  
**José A. de Melo Sousa**

### Fábrica de Cortumes no Estrangeiro

Precisa-se de operários e um contra-meestre, habilitado a estrair de várias peles a matéria prima aplicada na indústria de sapateiro e correeiro, tendo a devida pratica na aplicação de cores exigidas pelas modas industriais.

Carta ao Sôculo com as iniciais F. V. para tratar pessoalmente no mesmo edificio da Sôculo das 8 às 11 ou das 5 às 8, Vieira Fiscal.

Exigem-se documentos comprovativos das suas aptidões e comportamento, passado pelas casas onde tenha estado.

### GRANDES SALDOS

## MEIAS

de cores e pretas

Para senhora:	Eram de	Vende-se a
	500	340
	600	380
	1000	650
	1200	800
	1500	1000
	5000	2500

Para homem:	Eram de	Vende-se a
	400	300
	500	380
	600	450
	700	500
	1500	1000

### CASA PROGRESSO

Rua D. Pedro V, 59 a 63 (Esquina da Rua da Rosa)

### Calçado Barato

Só vende o

## CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do Chafariz)

### FÁBRICA DE CARIMBOS

DE A. S. Musgueira

Especialidade em carimbos de borracha, numeradores automáticos, datadores, prensas para selos a carimbo, sinetes para lacres, sinetes para roupa, monogramas em prata e ouro para carteiros com esmerado acabamento. Desenhos para bordar, tintas para carimbos, etc., etc. Grande sortimento de chapas de ferro esmaltado. Trabalhos tipográficos todos os géneros. — 70, Rua Augusta, 70 — LISBOA.

### Atenção

The Westinghouse Gear and Dynamo, motor C.º actual proprietária da patente de invenção n.º 7737 para a Aperienciação em maquinismo para a transmissão de força ou que a ele dizem respeito, concedida a 26 de Julho de 1911 com uma adição de 19 de Setembro de 1911, desejando que o seu invento seja o mais possível aproveitado no país declara que se prontifica a conceder licenças para o gozo parcial do privilégio ou mesmo a vender a Patente. Correspondência a Westinghouse Patent Bureau, 2 Norfolk Street London.

### SOCIEDADE FINANCIAL DE SEGUROS, LT. DA

ANGARIAÇÃO E CORRETAGEM

REPRESENTAÇÃO DE COMPANHIAS DE SEGUROS

Praça do Município, 13

TELEFONES: C. 1385 E 2074 Gerente: J. FORCADA

### PREÇOS DE COMBATE

Sapataria João Salgado Oliveira

Fornecedora do Pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro

60, Rua Eugénio dos Santos, 64

Aproveitem um grande saldo de botas de veta à americana a 11\$90

A única casa que actualmente vende mais barato Remete para a provincia contra reembolso

### Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que os preços dos fósforos foram alterados nos termos do Acórdão do Tribunal Arbitral, publicado no Diário do Governo n.º 113, 2.ª série, de 22 de Maio de 1913, mantendo-se o desconto legal de 10 %, seja qual for o numero de grossas pedidas.

Os pedidos devem ser dirigidos directamente:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

**Ribes Marcelo & Borges, S.ª**  
67, Rua do Bom Jardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

**Nogueira Marques & C.ª**  
Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

Quaisquer queixas acerca da demora na execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidos à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

### Isqueiros

(475) Chegou remessa de pedra quadrada, redonda e rodas de boa qualidade e preços baixos.

Largo do Conde Barão, 55 (próximo ao quiosque)

Tabacaria de Isqueiro à porta

### Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e meados em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COGO, SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 33, 1.º

Estabelecimentos

Sóde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A.

2.º Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.º Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 66, 68.

FABRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (82)

### A MUNDIAL

Capital: 500.000\$00 — Reservas: 405.402\$76,7

### GRANDE RETIRO DAS PEDRAÇULAS

## BEMFICA

A dois passos do terminus dos electricos

Completamente transformado

EXPLENDIDO SERVIÇO DE RESTAURANTE

SALAS RESERVADAS PARA FAMILIAS

MEZAS PEQUENAS

Grande adega com vinho da própria quinta, com linda vista. Bela paisagem e

Luxo e conforto

Fica sendo este Retiro o primeiro fóra de Lisboa.

### J. FORCADA & C.ª

COMISSÁRIOS DE AVARIAS

Corretagem e angariação de Seguros

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13

### COMPANHIA DE SEGUROS Comércio e Indústria

Fundada em 1907

Capital nominal, 500.000 Esc. — Capital realizado e fundos de reservas 550.000

Sede em Lisboa: Rua do Arco da Bandeira, 29

Seguros de: Incêndio, Agrícolas, Transportes terrestres e marítimos, Cristais e Valores pelo correio

DELEGACÕES — Porto, Braga, Coimbra, Faro, Guarda, Santarém e Torres Vedras

AGENCIA GERAL EM ESPANHA — BARCELONA

Correspondentes no estrangeiro e em todas as terras do continente, ilhas e ultramar

TELEFONES — Administração, 3312 — Expediente, 1982

### Serralharia Artística

Vicente Joaquim Este

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova do

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

### Banco Colonial Português

LISBOA

Chamada da 3.ª prestação do Capital

São por este meio avisados os srs. accionistas que o pagamento da 3.ª prestação de 20 por cento ou sejam Esc. 20\$00 por acção deverá ser efectuada nos dias 15 a 19 de Julho corrente em Lisboa e Porto, em casa dos srs. Pinto & Sotto Maior.

Lisboa, 12 de Julho de 1919.

Pelo Banco Colonial Português

O Director  
**Henrique Ferreira**

O Gerente  
**E. A. Borde**

### CLINICA DENTAR

Tratamentos de doenças da boca

Colocação de dentes absolutamente perfeitos

Colocação de dentes artificiais sistema americano (sem placa).

Extracção gratuita de dentes sem classe operária, as terças e quintas das 9 às 11. Tratamento a prestação 20 %, de abateimento; sendo 10 % Bataha e 10 %, para o cliente.

**BARROS MARINHA**

Rua da Assunção, 25, 3.º (esquina da rua da Prata)

### COMPANHIA DE SEGUROS "A COLONIAL"

AGENCIA GERAL DE SEGUROS MARITIMOS

TELEF. C. 2974 — PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13

Agente: J. FORCADA

### COMPANHIAS DE SEGUROS FRANCESAS

## L'UNITE-L'UNIVERS-L'ILE DE FRANCE

Capital 17.000.000\$00 francos (EM PREPARAÇÃO PARA PORTUGAL)

Representante: J. FORCADA

Praça do Município, 13